

Editorial

O objetivo de estarmos produzindo este JORNAL, é de incentivar todas as atividades do gênero humano, valorizando as idéias dos diferentes grupos e movimentos, em manter o elo de união e de resistência frente ao intenso esmorecimento e enfraquecimento nas ideologias culturais e filosóficas.

As comunidades, o povo sem elo, sem rumo, perdido, tornam a vida em sociedade trágica e problemática, gerando intensamente em todos os níveis, corrupções, violências, desvios e inversões de valores. Os jovens em sua maioria sem sonhos e sem exemplos a seguir, vivem pesadelos.

Resta-nos a esperança de continuarmos incentivando, para que não se apague os sonhos daqueles que tanto fizeram por nós, em prol da liberdade, da democracia tão sonhada. Não deixemos esta chama se apagar.

Sendo o homem uma parcela da criação, possuindo em si uma partícula divina, embora o seu viver seja finito dentro do tempo, tem a sua história infinita na continuidade do seu trabalho, de suas conquistas, através da herança social.

O homem cultiva em cada um, uma responsabilidade em fazer o melhor para a posteridade. Somos frutos de nossos antepassados, erros e acertos recaem sobre nós. Temos o livre arbítrio, a decisão, a opção, de continuarmos alavancando os erros, ou os acertos adquiridos e, reescrevermos uma nova história. Eis aí o nosso desafio.

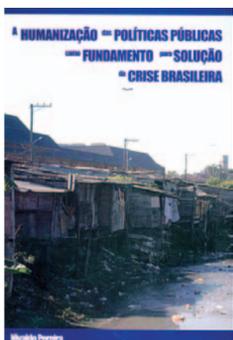
HUMANIZAR É A GRANDE CAMPANHA

Nivaldo Pereira
Psicólogo e Jornalista



Reprodução do prefácio do livro

“A Humanização das Políticas Públicas como fundamento para Solução da crise Brasileira” publicado em 2006, proveniente da monografia elaborada no Curso de Psicossomática Contemporânea



Em tempos de tamanho sentimento popular de impotência frente às políticas públicas praticadas em nosso país, que muitos traduzem como apatia diante de tantos desmandos e corrupção, Nivaldo Pereira _ jornalista, psicólogo e comunicador _ oferece-nos neste livro, através de um pensamento brilhante e abrangente, uma contundente proposta de superação desta realidade, pela humanização das políticas públicas para a solução da crise brasileira, dentro do princípio do indivíduo como unidade ativa e das comunidades como célula mater do campo desta intervenção, em visão sistêmica.

Devolve-nos potência, aponta-nos caminhos e soluções inesperadas, mas certamente eficazes, desnaturaliza falsas impossibilidades.

O autor fala-nos da premência de propostas que ajustem vida individual, coletiva e econômica para uma saída possível da crise da sociedade contemporânea, e por conseguinte da crise brasileira, dentro de uma visão de homem inteiro em suas múltiplas dimensões, das quais não se exclui, evidentemente, a sua dimensão política.

Através de uma visão sistêmica que integra reflexões históricas, filosóficas, socioantropológicas, psicossomáticas, e vivências pessoais e profissionais, Nivaldo Pereira surpreende-nos ao apontar revolucionariamente o óbvio, intencionalmente oculto por séculos, dizendo-nos: “[...] a economia não deve sobrepor-se ao social, uma vez que pertence a um sistema constituído de seres humanos em interdependên-

cia [...]” (p.53). E em seguida cita Capra: “[...] a economia é um sistema vivo composto de seres humanos e organizações sociais em contínua ação entre si e com os ecossistemas circundantes de que nossas vidas dependem [...]”.

Deste modo, observa-se que o primeiro ponto de originalidade e eficácia da proposta do autor reside exatamente em corrigir a atual visão de antagonismo entre a economia, o social e o ambiental, como entidades apartadas e excludentes. Esta visão equivocada gerou modelos de políticas públicas igualmente excludentes e apartadas, a partir de um pensamento mecanicista que setorializa e compartimenta o ser humano individual e coletivo em questões econômico-financeiras de um lado, e questões sociais e ecológicas de outro, dissociadamente.

A proposta de humanização das políticas públicas no Brasil, de Nivaldo Pereira, centra-se portanto, já em seus fundamentos iniciais, em reintegrar estas visões compartimentadas, potencializando as mudanças, “dentro da idéia de organização popular para a participação da população na gestão e controle do atendimento às suas necessidades básicas, em processo de ruptura com sua alienação histórica.”(p.67)

Há um vazio imenso, hoje, no Brasil, de uma participação popular organizada nos rumos de nosso país. Os poucos grupos que a detêm, por uma já consolidada experiência de mobilização social, representam parcelas do interesse nacional, como o PT (Partido dos Trabalhadores), intrinsecamente ligado aos sindicatos desde a sua fundação, o que imprime marcas sobre a sua cultura e suas ações, e a alguns movimentos sociais como o MST (Movimento dos Sem Terra) e outros, de defesa de minorias, tendo já representado a esperança de um projeto ético para o país. Exatamente por sua larga experiência em mobilização popular, é aquele que, mesmo mortalmente ferido pelos escândalos de corrupção, autoritarismo e violência que vêm comprometendo irre-

mediavelmente a sua imagem ética, permanece detendo voz, potência e domínio sobre uma imensa maioria da população que ainda não descobriu como se expressar, se aglutinar, construir representatividade e buscar soluções.

Sem a organização da população em defesa da sua cidadania e de algum controle dos rumos de nosso país, o crime organizado impõe-se com facilidade, com aliança e infiltração cada vez maior nos poderes públicos. Encontramo-nos oprimidos. Sem potência à vista. Sem voz. Acucados. Adoecendo. Morrendo, a vida humana banalizada e destituída de sentido.

A sociedade brasileira engatinha na busca de potência: quer se mobilizar, mas desconhece os instrumentos para fazê-lo de forma organizada e eficaz. Encontra-se, assim, paralisada, aparentemente apática, mas na realidade tomada de uma angústia e indignação a que não consegue dar escoamento produtivo. As estatísticas de busca de atendimento nos hospitais públicos, inoperantes, em face de políticas públicas desumanamente ineficazes, apontam um crescimento absurdo do adoecimento da população. Há empregos, mas não há políticas públicas na área da educação para o desenvolvimento de talentos e competências para as novas exigências dos perfis profissionais do mercado globalizado, resultando em um grande número de pessoas sem perspectivas de trabalho, mesmo a médio e longo prazo, ao lado de outros sem emprego pela falta de oferta em campos tradicionalmente ligados à engenharia e construção civil, estagnada há décadas.

Nivaldo Pereira aprofunda esta questão, ao falar da progressiva dessocialização, e do abalo da identidade e da virilidade que atingem a grande massa de desempregados em nosso país. E do imenso medo, compartilhado por muitos, de 7 verem a si e aos seus familiares e amigos nesta situação. Estamos em um país sufocado pelo medo. A segurança básica, primeira necessidade de qualquer ser humano, está

completamente desatendida e sob ameaça permanente.

Diz-nos o autor (p.39): “Buscar uma solução para esta crise de poder, que afeta a cidadania e o estado de direito no Brasil é o desafio.”

Neste livro, oferece-nos as possibilidades de solução e os caminhos, e os fundamentos ideologicamente, na distinção feita por Martin Buber dos conceitos de *gemeinschaft* e *gesellschaft*, referentes à evolução histórica das comunidades, apontando a necessidade de retomarmos as *gemeinschaft*, dos vínculos fraternos em busca dos objetivos comuns e das decisões partilhadas por todos, em ação ética.

A proposta de Nivaldo Pereira, apresentada nesta obra de estratégica importância para a nossa realidade, é a de um brasileiro com ampla experiência em campos diversos do nosso país, que busca com honestidade e brilhantismo uma participação popular centrada no indivíduo como unidade ativa, e que exclua de saída os descaminhos da perversão, do utilitarismo partidário, da exploração e manipulação de uns por outros. Este é seu pressuposto básico ideológico, centrado na solidariedade e na busca de potência, abrindo-se mão dos interesses egoísticos pelos interesses coletivos, sem perversão. Sem este pressuposto, não há o que fazer.

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2006. Eunice Verçosa Rocha Delamônica - Livre-Docente em Psicologia (UGF). Mestre e Especialista em Educação (IESAE/Fundação Getúlio Vargas). Professora-Convidada do MBA - Management/EPGE - Fundação Getúlio Vargas, na área de Gestão de Pessoas e Comunicação Interpessoal. Coordenadora Acadêmica da Pós-Graduação em Psicossomática Contemporânea/UGF. Psicóloga com atuação nas áreas acadêmica, clínica/hospitalar, escolar e organizacional desde 1973. Gerência de Consultoria em Psicologia e Psicossomática, com projetos de humanização nas áreas da saúde e educação.

Ser Brasileiro

Ser Brasileiro, Ser Patriota
É mais que:
Torcer pela vitória do Brasil
Em época de Copa de Mundo.

Ser Brasileiro, Ser Patriota é ser um nacionalista
É valorizar a nossa cultura, o nosso folclore.
É valorizar o nosso idioma, a língua portuguesa.
É lutar contra o estrangeirismo alienante.
É lutar contra o lixo cultural Norte-Americano
Que aliena bestializa a nossa juventude.

Ser Brasileiro, Ser Patriota
É muito mais que:
Vestir uma camisa verde amarela
E pintar nos muros a Bandeira do Brasil
Em época de Copa de Mundo.

Ser Brasileiro, Ser Patriota é ser um nacionalista.
É defender a nossa Amazônia,
Contra as ONGs internacionais.
É lutar contra o desmatamento,
Posseiros, grileiros e latifundiários.

Ser Brasileiros, Ser Patriota
É muito mais que:
Torcer para o Brasil,
Conquistar uma medalha
De ouro nas Olimpíadas.

Ser Brasileiro, Ser Patriota é ser um nacionalista.
É defender as nossas riquezas minerais.
É defender as nossas empresas estatais,
Contra as privatizações.
É defender o monopólio do nosso petróleo.

Ser Brasileiro, Ser Patriota.
É muito mais que torcer
Pela vitória do Brasil
Em corrida de Fórmula 1.

Ser Brasileiro, Ser Patriota é ser nacionalista
É lutar sempre contra um
Congresso Anti-Nacional e Entreguista.
É lutar contra o imperialismo Norte Americano.
É cobrar do Governo Auditoria da Dívida Externa.
É lutar contra este modelo Econômico
Que causa desemprego, miséria e fome.

Ser Brasileiro, ser Patriota é ser um nacionalista.
É defender a Reforma Agrária
É lutar pelo Direito Gratuito,
Na Saúde, Educação e Habitação.
É lutar contra as reformas na Previdência Social
E Trabalhista que tira direitos dos trabalhadores.

Ser Brasileiros, Ser Patriota é ser um nacionalista.
É ser solidário, fraterno e humanista.
É lutar contra Governos Autoritários e Tiranos.
É lutar em defesa de outros povos
Massacrados e oprimidos
Pela Burguesia Capitalista.

Ser Brasileiro, Ser Patriota
É ser um Cidadão em defesa

Da sua nacionalidade, em defesa da Soberania Nacional.



ANTONIO SANTANA DO MRB
Coordenador do Movimento Resistência Brasileira e Movimento Social da Esquerda Nacionalista Trabalhista “ Texto inspirado no Discurso do amigo ABILIO”

O Brasil vive uma tragédia

Para quem tem um mínimo de responsabilidade neste país não deve ter dormido nos últimos dias. As notícias estampadas pelas TV, o que é divulgado pelos rádios e pelos artigos de jornais, deixam em baixo astral a cidadania. Para onde vamos? Acabou-se tudo? Parece que sim e sem luz de retorno.

Numa bela solenidade militar, de passagem funcional, no gabinete do comandante do exército, dia 11 de julho último, o general, na sua alocução de despedida, frisou que o mais importante na vida “é a defesa da honra; é a luta pela verdade” e se não estamos enganados, ressaltou, também, “o amor à instituição a que pertence – o exército”. Era o velho chefe se despindo e levando aos subordinados a sua emocionante palavra de amor ao Brasil e ao homem verdadeiro. Lágrimas nos olhos de muitos, pois no salão, os presentes vibravam com amor à pátria e amiza-

de ao chefe que partia.

Que diferença entre o primeiro parágrafo e o segundo. No primeiro, a descrença, e, no segundo, a esperança e a dignidade. Vamos analisar o primeiro: triste país onde homens corruptos o governam. Tudo que vamos falar não nos interessa nomes nem estamos interessados neles e sim mostrar a tragédia que vivemos. Se citamos pessoas é porque estão na imprensa.

Daniel Dantas e suas implicações. O relatório da polícia federal é de uma clareza franciscana. Coloca à nu a miséria que grassa no âmbito do governo. Quem quiser ter seu estômago embrulhado procure o site: www.conjur.com.br. Nomes que se arrostam ao longo dos últimos anos na política brasileira estão juntos: Gilberto Carvalho, Dirceu, Dilma, Greenhalgh, Evanice e outros e outros. São pessoas até secundárias na lama podre do poder brasileiro. A tragédia é o envolvimento dos chefes dos três poderes constituídos.

A tétrica reunião no palácio da alvorada, do presidente da república, do presidente do STF, dos ministros da justiça e da defesa, projetou o sinal da tempestade que abala a nação. Por que o ministro da defesa presente e de cabeça baixa? Qual a razão da ida do presidente do STF ao palácio? E a majestade da justiça? Nunca neste pobre país a justiça ajoelhou-se aos pés do executivo. A liturgia do cargo, símbolo do poder foi jogada nas latrinas da podridão.

O Grupo Guararapes, não mais se preocupa com tanto roubo dentro do governo ou fora do governo, pois todos os homens responsáveis sabem que é o próprio governo, nos seus três poderes, protege grandes e pequenos ladrões. As cpmi não andam porque juntos estão as cúpulas dos poderes em defesa dos corruptos. Os seus líderes não são escolhidos por serem brilhantes, mas pela capacidade de jogar o jogo bruto da corrup-

ção. Já assistimos o afastamento dos presidentes do senado e da câmara por atos inconfessáveis. Num país meio sério estariam presos. Aqui assistimos o presidente da república defendê-los em público.

Faltava a desmoralização completa do judiciário. Agora, acabou-se a última esperança. O poder judiciário desceu ao mais baixo nível da podridão humana. O presidente do STF, sacrosanto poder judiciário, vai a um canal de TV e se sujeita a discutir com um funcionário do executivo. Acabou-se a majestade da justiça. A liturgia do cargo foi jogada na lama da corrupção geral.

Quanta hipocrisia no esdrúxulo encontro de “poderes”! Não para salvar o Brasil, mas para salvar os malfeitores. O Brasil que vá às favas!

Francisco Batista Torres de Melo é general de divisão reformado e coordenador do Grupo Guararapes.

